

## APRESENTAÇÃO

Criada em 2009, no âmbito do Laboratório de História das Idéias, dos Saberes e da Historiografia, a partir do empenho pessoal de um grupo de acadêmicos do curso de História da UFG, a *Revista de Teoria da História* tem como centro de interesse refletir sobre as categorias e formas de constituição do saber histórico em suas mais variadas articulações, tais como: a escrita da história; a natureza do conhecimento histórico e os seus problemas teóricos e metodológicos; os problemas epistemológicos oriundos das modalidades de relação entre a história e outras disciplinas e saberes, tais como a filosofia, a sociologia, a antropologia, a literatura, o cinema e as artes em geral; a história do pensamento e das ciências; a história da ciência histórica; cultura e consciência histórica; a emergência e o estatuto dos novos objetos de análise histórica; a crise dos paradigmas e a emergência de novos problemas na historiografia atual; a história da prática e do trabalho de pesquisa histórica.

Os artigos que compõem este número refletem algumas dessas preocupações, sobretudo no que se refere às questões relacionadas aos modos de produção do saber histórico. Em *Semântica da história nos clássicos evolucionistas do século XIX*, João Paulo Aprígio Moreira toma como objeto de interesse o evolucionismo cultural *fin de siècle*, com o intuito de analisar a semântica dos textos clássicos da Antropologia e os diferentes usos do termo História. Partindo do pressuposto de que qualquer cultura histórica tem necessariamente uma filosofia da história própria (uma forma de conceber a relação entre o passado, o presente e o futuro), o autor concentra seu olhar principalmente na obra *Primitive Culture* de E. B. Tylor. Dimensão semelhante pode ser vislumbrada nos outros trabalhos que compõem este número, mesmo que abordados de formas distintas. Em *A configuração do tempo: considerações sobre o tempo na filosofia de Santo Agostinho*, Daniela Barbosa da Silva examina a concepção cristã do tempo com o intuito de pensar a maneira como os historiadores lidam com aquela noção. Para a autora, o conceito de *kairós* torna-se central, na medida em que, sintetizado na própria morte de Cristo, torna-se o centro

a partir do qual se articula a temporalidade cristã. Também *Presente, Passado e Futuro: memória e expectativa na constituição de sentido da modernidade*, de Gabriel Sanchez procura aproximar dois autores que estão no centro das discussões acerca do tema da temporalidade e da narrativa na historiografia: David Carr – tendo em vista seu entendimento de que qualquer ação, por menor e mais passiva que seja, é precedida de uma relação entre rememoração e antecipação, conferindo dessa forma uma unidade à experiência temporal – e Jörn Rüsen, que relaciona a organização temporal da vida como resultado de uma consciência histórica, uma tentativa de constituir sentido à vida pela via da interpretação da experiência do tempo.

Outro tipo de esforço reflexivo é realizado, por exemplo, em *O problema do sentido histórico e suas variações axiológicas*, de Ulisses do Valle, que analisa o conceito de sentido e suas implicações epistemológicas, em Max Weber. Para atingir tal intento, o autor discute três importantes questões que compõem os fundamentos últimos de sua orientação: a) a necessidade de atribuição de sentidos que conformam os acontecimentos passados; b) a impossibilidade de um conhecimento desinteressado; e c) a necessidade de apreciações de valor para que algo, em meio à infinitude do “acontecimento mundo”, passe a ser significativo. Também Francismary Alves da Silva, em *Descoberta versus Justificativa: sociologia e filosofia do conhecimento científico na primeira metade do século XX*, por meio da elucidação do posicionamento teórico dos principais membros do Círculo de Viena, Karl Popper, Karl Mannheim e Robert Merton, examina o debate entre a perspectiva internalista e a externalista. Em *Gramatologia e crítica histórica*, Eduardo Gusmão de Quadros analisa o conceito de gramatologia, elaborado por Jacques Derrida, com o intuito de fornecer pontos relevantes para a elaboração de um método mais rigoroso ao conhecimento histórico. Tal conceito auxilia, segundo o autor, no combate às absolutizações, ao mesmo tempo que fornece o distanciamento necessário até para que a objetividade e a subjetividade sejam modeladas.

Além de dar continuidade ao projeto aglutinador e fomentador das discussões no interior desta disciplina e iniciado no número anterior, a *Revista de Teoria da História* amplia, a partir deste número, seu espectro de atuação ao incorporar à sua

estrutura, uma seção de entrevistas com importantes nomes da historiografia brasileira. O primeiro entrevistado foi o professor Pedro Caldas, da UNIRIO, que aborda uma série de temáticas instigantes, como a influência da historiografia alemã no Brasil e pós-modernismo. Contém também uma seção de resenhas, neste número, elaborada por *Diogo da Silva Roiz* sobre o livro *Figuras do pensável - as encruzilhadas do labirinto VI*, de Cornélius Castoriadis.

Cristiano Alencar Arrais